CRIANÇAS E JOVENS: SUJEITOS MIGRANTES E A INCLUSÃO ESCOLAR

SILVANA DOS SANTOS DE LIMA

RESUMO

Este artigo almeja explorar reflexões sobre os grupos em movimento e a recepção de crianças, jovens e famílias nas instituições educacionais. A mobilidade populacional é uma realidade que desafia atualmente os governos e as sociedades de quase todos os países da América Latina, e a quantidade estatística de crianças em situação de deslocamento forçado está em constante aumento. Neste texto, é apresentado um panorama das circunstâncias mais críticas nas escolas, desde a educação infantil até o Ensino Médio, em que jovens migrantes enfrentam desafios similares aos seus colegas, tais como intimidação, discriminação racial, entre outros. Assim, o objetivo é abordar as fragilidades enfrentadas pelas gerações mais jovens na condição de migrantes. Para uma investigação mais aprofundada sobre os grupos em movimento, realizou-se um levantamento bibliográfico acerca da diversidade cultural, da miscigenação, com autores que apoiam a temática da migração.

Palavras-chave: Deslocamento; Movimento; Recepção.

INTRODUÇÃO

A nossa sociedade apresenta uma ampla gama de culturas, o que é uma grande fonte de riqueza. Desde cedo, aprendemos com a nossa família diferentes formas de expressão dentro das diversidades presentes em nosso lar.

Na escola, ocorre um choque cultural, uma vez que compartilhamos parte do nosso dia com pessoas muito diferentes de nós. Dependendo da região, é possível notar uma variedade significativa de idiomas que não constam nos dicionários da língua portuguesa. Isso acaba se tornando um grande problema nas avaliações e até mesmo nos vestibulares, que exigem redações que não permitam que os estudantes escrevam em suas próprias línguas, como tem acontecido com o espanhol.

Os professores enfrentam desafios durante o ensino, uma vez que cada criança traz consigo seus conhecimentos prévios, adquiridos por meio da interação com o mundo e suas particularidades, incluindo os idiomas falados em seus ambientes familiares. Nesse contexto, os professores devem atender às necessidades de todas as crianças, proporcionando-lhes uma educação de qualidade, reduzindo as dificuldades de aprendizagem e evitando que sofram preconceito ou sejam rejeitadas pelo grupo.

Apesar de vivermos em um país tão culturalmente diverso, ainda encontramos dificuldades relacionadas a expressões regionais e idiomas diferentes do português. Para as crianças, isso pode parecer irrelevante, mas quando começam a frequentar escolas em estados diferentes de onde nasceram, as dificuldades surgem claramente, principalmente na comunicação verbal. É nesse momento que os professores têm a responsabilidade de transformar o ensino, de modo a integrar todos os alunos durante sua trajetória escolar.

Portanto, o objetivo deste artigo é apresentar o multiculturalismo e os diferentes idiomas das crianças e jovens como sujeitos migrantes, compreendendo o que eles são e como os professores podem lidar com as diversas situações, analisando como as escolas têm abordado o tema e enfatizando a importância do trabalho com a diversidade cultural.

Este artigo justifica-se pela urgência dos desafios enfrentados pela educação no que diz respeito ao multiculturalismo, bem como pela necessidade de espaços de formação contínua nas escolas, a fim de implementar as Diretrizes Curriculares Nacionais de maneira articulada com a política estabelecida nesses documentos. No contexto da gestão da mudança educacional, compreendemos que esse empreendimento não se limita apenas ao estabelecimento de normas, mas também implica uma mudança nas relações construídas pelos sujeitos envolvidos, que desenvolvem formas de comunicação de acordo com o ambiente em que vivem.

Dessa forma, a reflexão sobre as relações multiculturais de gênero, idioma e etnia é justificada como um aspecto fundamental para a realização deste artigo, com o objetivo geral de compreender os discursos multiculturais que podem emergir no ambiente escolar.

DIVERSIDADDE E INCLUSÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

A educação inclusiva é uma abordagem estratégica concebida para facilitar o alcance bem-sucedido do aprendizado por parte de todas as crianças e jovens. Ela se refere aos objetivos comuns de diminuir e superar todas as formas de exclusão, considerando o direito humano à educação. Trata-se do acesso, participação e obtenção de sucesso em uma educação de qualidade para todos.

Inclusão significa permitir que todos os estudantes estejam plenamente envolvidos na vida e no trabalho das comunidades,

independentemente de suas necessidades. Envolve um processo de maior participação dos estudantes na escola e a diminuição da exclusão em relação às culturas, ao currículo e à comunidade das escolas locais.

No paradigma instaurado pela inclusão escolar encontramos portanto, um redimensionamento do papel da intervenção escolar (escolas devem encontrar maneiras de educar com sucesso todas as crianças, independente de suas capacidades físicas, sensoriais, cognitivas, emocionais e sociais) e a necessidade de desmitificação do poder absoluto da técnica especializada. (SILVA, 2005, p 96).

A inclusão é vista mais como uma abordagem da educação do que como um conjunto de técnicas educacionais.

As características mais relevantes da sociedade do século XXI são o multiculturalismo e a diversidade. A sociedade formada por diversas pessoas que têm que conviver e trabalhar juntas em um mundo em constante mudança e evolução, exige um alto grau de coordenação e convivência. Essa realidade sociocultural levanta situações em que a diversidade e sua necessária inclusão se tornam fatores-chave para a convivência e coesão social.

Em resposta a essas situações, as instituições de ensino buscam abordar e aprimorar a inclusão por meio da atenção correta à diversidade, buscando uma educação que ajude todos os alunos a desenvolver suas habilidades, atitudes e interesses no mais alto nível, possibilitando uma educação inovadora que aprimore as habilidades necessárias que os alunos do século XXI devem adquirir.

Todas essas abordagens surgem como uma exigência de pais, alunos, professores e centros educacionais, diante de fatores determinantes como falha escolar, hábitos de estudo inadequados, famílias desorganizadas, absenteísmo, alunos com necessidades específicas não atendidas corretamente, metodologias sem interesse para o aluno, etc. Dessa forma, a escola responde a essas demandas, auxiliando o professor no desenvolvimento de novas metodologias inclusivas dentro da sala de aula, tendo como foco a migração de alunos e famílias que estão chegando de outro país, com outra cultura, falando outra língua. Portanto a aprendizagem deve ser cooperativa, as propostas devem ser inclusivas como planos de ação para alunos que necessitem de medidas específicas, resolução de conflitos de forma inclusiva dentro e fora da sala de aula propondo planos específicos de convivência, etc.

No artigo 206 da Constituição Federal Brasileira estão elencados os princípios que regem o ensino brasileiro, tendo como premissa:

A igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (inciso I) e "gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais" prevista no inciso IV. Em seu artigo 208, o inciso III relaciona os deveres do Estado com a educação, garantindo o atendimento especializado às pessoas com deficiência "preferencialmente na rede regular de ensino" (BRASIL, 1998, art. 206).

Ações que visam propor uma educação que possa atender a todos, é a verdadeira âncora para resolver, entre psicólogos e professores, os desafios educacionais atuais nos centros educacionais.

O educador deve adquirir esse olhar inclusivo, por meio de capacitação para poder prestar atenção real à diversidade dos alunos, propondo ações e planos de cuidado ajustados à real diversidade das escolas.

Deve ficar claro que bons mediadores de classe são fruto de aprendizagem, eles não nascem bons. Sempre há aqueles poucos professores que são mediadores naturais, que tiveram muito pouca capacitação formal, e que simplesmente parecem saber o que fazer na maioria ou em todas as situações problemáticas. Entretanto, a maioria dos professores precisam de uma capacitação adequada para um bom manejo das aulas (STAINBACK, 2008, p. 336).

Pode-se dizer que o grande trabalho do educador é garantir a inclusão educacional de todos os alunos, analisando as diferentes formas de exclusão, as possíveis barreiras existentes na escola, para que todos os alunos possam participar e ter uma verdadeira "voz" em sala de aula, e assim desenvolver um plano de atenção à diversidade que seja verdadeiramente inclusivo. É necessário que o educador proponha novas ações inclusivas nas escolas para todos os seus alunos, uma vez que os pais exigem, e é baseado no direito que qualquer pessoa tem de receber uma educação de qualidade.

CULTURA E SOCIEDADE

De acordo com FARIAS (2012, p. 32), "cultura" refere-se ao conjunto de expressões artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização. Portanto, as atividades e manifestações que fazem parte da cultura de um povo incluem música, teatro, rituais religiosos, línguas faladas e escritas, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos, formas de organização social, e assim por diante. Uma das características distintivas dos seres humanos em relação aos animais irracionais é a capacidade de produção cultural, o que inclui o uso de gírias que não são reconhecidas no dicionário da língua portuguesa, o que pode resultar em problemas de escrita no futuro.

Devido à sua vasta extensão territorial, o Brasil possui uma grande diversidade cultural. Os colonizadores europeus, a população indígena e os escravos africanos foram os primeiros a contribuir para a disseminação cultural no Brasil. Posteriormente, imigrantes italianos, japoneses, alemães, árabes e outros grupos também contribuíram para a diversidade cultural do país. Elementos como culinária, danças e religião são parte integrante da cultura de um povo.

É comum as pessoas associarem cultura exclusivamente ao nível de educação, porém, ela engloba muito mais do que isso. Cultura é tudo aquilo que dá sentido ao mundo que cerca um indivíduo ou grupo de indivíduos. Assim, elementos como religiosidade, definição de valores morais, idioma falado, grupo étnico ao qual pertencem e a história da sociedade em que o indivíduo está inserido fazem parte da cultura de um povo.

A cultura não se limita apenas a conhecimentos, mas sim é uma rede complexa de elementos que atribuem significado ao mundo de um indivíduo. Ela é composta por diversos elementos e caracteriza os povos pelo conjunto de fatores que compõem sua sociedade.

Tudo o que produzimos se torna nossa identidade cultural, que todos incorporamos em nosso dia a dia. Levamos essa identidade cultural para todos os lugares que frequentamos, seja com amigos, na escola com professores e alunos, ou na sociedade em geral, onde compartilhamos nossa identidade cultural.

EDUCAÇÃO, MULTICULTURALISMO E GÍRIAS

Enfrentamos diversos problemas no ambiente escolar em nosso cotidiano, como a qualidade da educação, questões relacionadas ao currículo, projetos pedagógicos, as relações entre professores e alunos, bem como entre a escola e a comunidade, além de questões de indisciplina e violência dentro da escola, entre outros.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítico é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu" ou do "tu", que me faz assumir a radicalidade do meu eu. (FREIRE, 1996 p. 46)

Portanto, percebe-se que os educadores precisam assumir-se como seres sociais, aos quais estejam abertos a escutar seus alunos e atuarem como mediadores no processo ensino aprendizagem, respeitando as diferenças culturais.

Conforme citam Moreira e Candau (2010, p.14):

A diversidade na educação é ambivalência, porque é desafio a satisfazer, realidade com a qual devemos contar e problema para o qual há respostas contrapostas. É uma chamada a respeitar a condição da realidade humana e da cultura, forma parte de um programa defendido pela perspectiva democrática, é uma pretensão das políticas de inclusão social e se opõe ao domínio das totalidades únicas do pensamento moderno. Uma das aspirações básicas do programa pro diversidade nasce da rebelião ou da resistência às tendências homogeneizadoras provocadas pelas instituições modernas regidas pela pulsão de estender um projeto com fins de universalidade que, ao mesmo tempo, tende a provocar a submissão do que é diverso e contínuo ' normalizando-o" e distribuindo-o em categorias próprias de algum tipo de classificação. Ordem e caos, unidade e diferença, inclusão e exclusão em educação são condições contraditórias da orientação moderna [...] A modernidade abordou a diversidade de duas formas básicas: assimilando tudo que é diferente a padrões unitários ou "segregando-o" em categorias fora da "normalidade" dominante.

Pode-se perceber a grande preocupação em equilibrar a diversidade dos alunos com o cumprimento do currículo, sendo assim, é necessário que se estabeleçam práticas educativas que ao mesmo tempo em que atenda as diversidades, possibilite uma integração cultural com os conteúdos do currículo.

Para Gómez, apud Moreira e Candau (2010, p.15-16):

[...] alunos e alunas aprendem em sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola, entre as propostas da cultura crítica, alojada nas disciplinas científicas, artísticas e filosóficas; as determinações da cultura acadêmica, refletidas nas definições que constituem o currículo; os influxos da cultura social constituída pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões do cotidiano da cultura institucional presente nos papéis, nas normas, nas rotinas e nos ritos próprios da escola como instituição especifica; e as características da cultura experiencial adquirida individualmente pelo aluno através da experiência nos intercâmbios espontâneos com seu meio.

Portanto, a multiculturalismo está presente no cotidiano da nossa sociedade e os educadores não devem continuar a negar

as diferenças culturais, pois tal negação seria afastar a criança e o jovem de seu mundo simbólico, do que conhece e faz sentido para ele.

Em alguns países, como Espanha e França as gírias são conhecidas como linguajar característico de ladrões, assassinos, dentre outros. De acordo com Burke e Porter (1997, p.23),

a linguagem dos mendigos, ladrões e outros não é só diferente, é particular, um meio de comunicação que o público, incluindo as possíveis vítimas e a polícia, poderiam ouvir por acaso mas seriam incapazes de decodificar.(grifo nosso) Uma formulação notável dessa teoria do jargão como mecanismo de defesa pode ser encontrada em um documento que afirma registrar o interrogatório de um certo Girolano, preso por mendicância em Roma em 1595, no qual o prisioneiro fala de uma assembleia geral de mendigos convocada para "mudar o jargão" (mutare il gergo del parlare) porque ele se tornara conhecido de um número expressivo de pessoas.

Vale ressaltar que para os autores as gírias têm as mesmas características que o Jargão, os quais fazem parte do multiculturalismo.

ABORDADEGENS DIVERSAS DO MULTICULTURALISMO

O multiculturalismo nasce por meio das várias lutas dos grupos sociais que ao longo da história do nosso país, sofreram discriminação e exclusão. A própria incorporação da pluralidade cultural nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 122), se deu por meio de muita pressão dos movimentos sociais:

É sabido que, apresentando heterogeneidade notável em sua composição populacional, o Brasil desconhece a si mesmo. Na relação do país consigo mesmo é comum prevalecerem vários estereótipos, tanto regionais quanto em relação a grupos étnicos, sociais e culturais. Historicamente, registra-se dificuldade parasse lidar com a temática do preconceito e da discriminação racial/étnica. O país evitou o tema por muito tempo, sendo marcado por "mitos" que veicularam uma imagem de um Brasil homogêneo, sem diferenças, ou, em outra hipótese, promotor de uma suposta "democracia social".

Uma dificuldade que ainda encontramos, é na definição de multiculturalismo, então, iremos distinguir duas abordagens fundamentais: a primeira é a descritiva e a outra propositiva. Na descritiva, acredita-se que o multiculturalismo é a descrição e compreensão de cada contexto histórico, político e sociocultural. Já a propositiva entende multiculturalismo não apenas como forma de compreensão da realidade de cada contexto, mas também, como atuação e transformação de modo a estabelecer relações culturais em uma sociedade, para que haja radicalização democrática e estratégias pedagógicas.

É por meio da linguagem que os conceitos e os conhecimentos são criados e construídos, desvendando o abstrato e se tornando conhecido.

A troca de informações entre indivíduos e de ideias se faz possível, possibilitando ao indivíduo a capacidade de analisá-las de modo a aceitá-las ou rejeitá-las, sendo possível dizer que a língua é um código que foi desenvolvido para a transmissão de pensamentos, ideias e interação entre os indivíduos.

De acordo com Vygotsky (2005, p.5):

A natureza do significado como tal não é clara. No entanto, é no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal. É no significado, então, que podemos encontrar as respostas às nossas questões sobre a relação entre o pensamento e a fala.

Portanto a necessidade de comunicação foi tão alavancada que impulsionou o homem para o desenvolvimento da linguagem.

Em relação à aprendizagem e desenvolvimento, Vygotsky (1998, p. 115) denota que:

a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal, para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente (VYGOTSKY, 1998, p.115).

Vygotsky (1998) reconhece que a aprendizagem possibilita e impulsiona o desenvolvimento.

Gonçalves (1999, p. 101-102) denota que:

[...] para se lidar com o heterogêneo na escola cabe primeiro reconhece-lo como produto de uma construção histórica. Nesse sentido, ele não pode ser entendido como fruto de um arbitrário social ou de escolhas pessoais. O heterogêneo consagra formas de convivência, interações sociais, valores, saberes, costumes, que são coerentes com praticas e significados construídos historicamente em diferentes campos de luta politica e no interior de organizações sociais de relacionamento assimétricos entre suas partes. Uma comunicação intercultural que não tem, pois, como ser harmônica

De forma moduladora como acontecia o processo de escolarização, não permitia ao aluno uma reflexão, e nem levando em conta suas experiências vivenciadas no cotidiano, levando-o ao formalismo estereotipado da cultura escolar.

Reconhecer os vários recortes dentro da ampla diversidade cultural, é lutar pelo respeito à diferença, é enfrentar o desafio para que todos os grupos sociais e culturais sejam respeitados, que haja uma troca de experiências e seus direitos de cidadania garantidos. A escola tem um papel de fundamental importância nesse sentido, pois é exatamente lá em que as diferentes culturas se encontram, assim, como educadores somos chamados à romper com a visão pequena de "cultura escolar" em estabelecer padrões culturais, que acaba contribuindo mais para a exclusão, do que garantindo uma educação democrática e de qualidade.

Reconhecer as diferenças não é fácil, mas devemos respeita-las e aceita-las, romper com preconceitos e estereótipos sem fundamentação.

[...] Tendemos a uma visão homogeneizadora e estereotipada de nós mesmos, em que nossa identidade cultural é muitas vezes vista como um dado " natural". Desvelar esta realidade e favorecer uma visão dinâmica contextualizada e plural de nossas identidades culturais é fundamental, articulando-se a dimensão pessoal e coletiva destes processos. Ser conscientes de nossos enraizamentos culturais, dos processos de hibridização e de negação e silenciamento de determinados pertencimentos culturais, sendo capazes de reconhecê-los, nomeá-los e trabalha-los constitui um exercício fundamental. (MOREIRA e CANDAU, 2010, p. 26).

Dessa forma, é fundamental que haja um processo de socialização entre os alunos, a troca de experiências, o envolvimento, para que todos se reconheçam, conheçam a origem um do outro, suas raízes culturais, seus contextos de vida, para que não aconteça exclusão e tão menos a negação das identidades culturais, ao contrário, que esses alunos possam refletir e serem capazes de construírem suas próprias identidades do ponto de vista cultural, e também, a partir da valorização das diferenças, da interação entre elas implicará a aproximação entre as experiências culturais e a escola, o desenvolvimento da auto estima, o mal estar por se sentir "um peixe fora d'água", e diminuir o problema da dificuldade de aprendizagem, além da indisciplina e a redução dos preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nenhum momento houve a intenção de obter resultados conclusivos e/ou definitivos, mas sim de refletir criticamente sobre o assunto, não somente na questão dos educandos, considerando cada um com suas características próprias, seus contextos culturais, mas também da relação do professor com o aluno nessa dinâmica, principalmente de sua prática no processo de aprendizagem e transformação.

A principal conclusão é a da séria necessidade de dar voz aos alunos, voz ativa às suas experiências de aprendizagem, desenvolvendo ações que estejam de acordo com as questões da realidade, principalmente as práticas em sala de aula. Ver os alunos como agentes coletivos, cada qual com suas singularidades que não podem ser desprezadas ou negadas; é criar condições para que dentro da escola, todos encontrem a oportunidade de se tornarem cidadãos críticos, e que possam agir democraticamente em busca da emancipação da sociedade, mostrando que as gírias em alguns momentos podem prejudicar o desenvolvimento da linguagem verbal adequada.

Por meio desse artigo compreende-se o que é migração, como são os sujeitos migrantes e suas diversidades culturais e como aplica-las em sala de aula, além de refletir sobre o uso da língua portuguesa e as influências das línguas. É possível compreender também sobre importância do multiculturalismo, comprovando assim a hipótese de que trabalhar com as diversidades é quebrar com os antigos paradigmas e caminhar rumo a uma educação de mais qualidade para todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Centro Gráfico do Senado Federal – Brasília, 1988.

BRASIL, MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf >acesso em 23 agos.2023.

BURKE, Peter; PORTER, Roy (orgs.) Línguas e Jargões: contribuições para uma história social da linguagem. São Paulo: UNESP, 1997.

FARIAS, M.S. "Cultura e Identidade Cultural". Maio de 2012. <http://livredialogo.blogspot.com.br/ >acesso em 25 agos.2023.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, Editora Paz e Terra, são Paulo, 1996.

MOREIRA, Antonio Flávio e CANDAU, Vera Maria (orgs.). Multiculturalismo, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2010.

REGO, Tereza Cristina in: AQUINO, Julio Groppa (org.). Diferenças e Preconceitos na Escola: alternativas teóricas e práticas, Summus editorial, São Paulo, 1998.

SILVA, Shirley; VIZIM, Marly (Orgs.).

Educação especial: Múltiplas leituras e diferentes significados. Campinas: Mercado de letras: ALB, 2001.

STAINBACK, S. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Sites Pesquisados: http://www.fea.usp.br/conteudo.php?i=357 Acesso em 2 set.2023.

http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2011/11/28/outros/f6f7ad43f4059ef34b0a6b1c080dfb6e.pdf acesso em 1 set.2023.